



## A COMPREENSÃO DE VIOLÊNCIA DOS TRABALHADORES DE SAÚDE NO BAIRRO SEPÉ

Danieli Pagliari<sup>1</sup>  
Lizete Dieguez Piber<sup>2</sup>

### RESUMO:

A pesquisa “A compreensão de Violência dos trabalhadores de saúde no Bairro Sepé” tem como objetivos analisar como os trabalhadores em saúde entendem a violência no seu cotidiano, identificar os tipos de violência vivenciados e as situações que as deflagram, bem como analisar as estratégias de enfrentamento que tem sido adotadas. O método utilizado foi o qualitativo. O delineamento foi o levantamento, realizado através de entrevistas com todos os profissionais (nove) da ESF Bairro Sepé. Os dados foram abordados através da análise de conteúdo. Acredita-se que estudar a compreensão sobre violência com os trabalhadores em saúde é de grande relevância, pois proporcionará subsídios que permitirão abordagens posteriores e possibilitará uma visão mais ampla sobre a temática, a fim de qualificar as ações da psicologia nas Unidades Básicas de Saúde na perspectiva de uma sociedade não violenta e em direção à cultura da paz. Pode-se perceber que os trabalhadores do ESF reconhecem a existência de violência psicológica e simbólica, e o quanto isso afeta as pessoas, grande parte dos participantes afirmou que o bairro é tranquilo por ter em sua maioria pessoas idosas, porém foram citados casos de brigas familiares. Notou-se que a equipe do ESF, de maneira geral, possui um conceito abrangente de violência e afirmaram que foram tanto vítimas quanto autores dessas práticas. Com relação às estratégias de enfrentamento demonstraram resistência em fazer denúncia pelo fato de estarem ligados diretamente aos problemas da comunidade, fazendo com que sintam receio de se envolverem e posteriormente encontrarem dificuldades no seu trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência. ESF. Comunidade.

### INTRODUÇÃO

A violência é um dos problemas permanentes da teoria social e da prática política e relacional da humanidade, não se conhece nenhuma sociedade onde a violência não tenha estado presente. Desde sempre existe uma preocupação do ser humano em entender a essência do fenômeno da violência, sua natureza, suas origens e meios apropriados, a fim de amenizá-la, preveni-la e eliminá-la da convivência social. (MINAYO, 1994).

Acredita-se que estudar as representações sociais sobre violência é de grande relevância para a academia e para a comunidade local e regional, pois compreender as representações sociais desses diferentes protagonistas das

comunidades proporcionará subsídios que permitirão abordagens posteriores com os mesmos e possibilitará uma visão mais ampla sobre a temática, o que irá, sem dúvida, qualificar as ações da psicologia nas Unidades Básicas de Saúde e na promoção de saúde para todos, na perspectiva de uma sociedade não violenta, em direção a cultura da paz.

De acordo com Porto (2006), o conhecimento via representações sociais é um tipo de conhecimento que poderia ser dito de segundo grau, não por ser menos relevante, mas porque se chega a ele interrogando a realidade através do que se pensa sobre ela. No lugar de centrar a análise nos dados brutos da violência, interrogam-se os imaginários construídos sobre a violência. Ainda para o mesmo autor, a análise das representações sociais da violência permite captar os sentidos que os atores (protagonistas ou vítimas da violência) concedem às suas representações e às suas práticas, sem secundarizar o sistema (ambiente, contexto, situação, estruturas) no qual esses atores agem e onde ações violentas são praticadas. Favorece a subjetividade das representações sabendo que elas só se constroem em relação a um dado contexto ou ambiente objetivamente dado, a subjetividade e objetividade são assumidas como componentes fundamentais desta forma de relação social.

Este PTB intitulado “A compreensão de Violência de comunidade empobrecida: Bairro Sepé” insere-se no grupo de pesquisa “Psicologia, Desenvolvimento Humano e Laços Sociais” na linha Psicologia Social, e está articulado ao Projeto de Pesquisa “Representações sociais sobre violência: a voz da comunidade”. Tem como objetivos compreender a auto-imagem dos trabalhadores em saúde do ESF, sobre si e o seu trabalho.

O método utilizado nessa primeira etapa da pesquisa foi quantitativo e qualitativo. O delineamento utilizado foi o levantamento, realizado através de uma entrevista com todos os profissionais da ESF Bairro Sepé. Não houve seleção de amostra. Os dados levantados com os questionários foram analisados estatisticamente, através de software específico (EXCELL) e os dados advindos das entrevistas foram analisados através da análise de conteúdo. Participaram da pesquisa 9 sujeitos, que expressaram sua aceitação através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os sujeitos são profissionais da ESF do bairro (a totalidade de profissionais do ESF são 10 pessoas, porém uma das funcionárias se recusou a responder as questões).

## DESENVOLVIMENTO

O primeiro tópico abordado no questionário foi sobre o conceito de violência, a partir da pergunta “O que você entende por violência?”.

Para Minayo (2006), entender a violência com uma definição fixa e simples é correr o risco de reduzi-la, compreendendo mal sua evolução e sua especificidade histórica. Dessa forma, definir um conceito único para violência seria generalizá-la.

Na entrevista feita com os profissionais do ESF, encontramos pontos de vistas diferentes, mas com algumas coisas em comum, uma pessoa relatou que violência é agressividade ou ofensa que prejudica alguém, outra respondeu que pode ser física, verbal e ainda exclusão, relatou que excluir uma pessoa é uma maneira de violência. Também foi respondido que é todo o tipo de agressão, tanto física quanto verbal e “moral”, já para outra pessoa, violência é tudo aquilo que vai contra, de uma forma sem causa, abrupta, e diz acreditar que a violência psicológica é mais comum do que a física, e que as pessoas acham besteira. Um sujeito colocou que a violência é um maltrato não só físico, mas também psicológico, que afeta muito o estado de ânimo das pessoas, sendo capaz de produzir doenças no organismo. Em uma das entrevistas, foi respondido que violência é tudo o que afeta o psicológico das pessoas, é física, verbal, tudo que vai contra a pessoa. Foi falado ainda que pode ser alguma coisa que oprima, que faça o indivíduo se sentir inferiorizado. Duas pessoas responderam que é todo o ato contra uma pessoa, e pode ser física e verbal.

Pode-se perceber que eles reconhecem bastante a existência de violência psicológica e simbólica, e o quanto isso afeta as pessoas de um modo geral. Bourdieu apud Abramovay et al (2002), postula que a violência simbólica nem sempre é percebida como violência, inclusive pela própria vítima, pois está inserida em tramas de relações de poder naturalizadas.

A noção de violência é, por princípio, ambígua. Não existe uma única percepção do que seja violência, mas multiplicidade de atos violentos, cujas significações devem ser analisadas a partir das normas, das condições e dos contextos sociais, variando de um período histórico a outro. (ABRAMOVAY ET AL, 2002, p.17).

No que se refere às causas da violência, as respostas foram distintas, um sujeito colocou incompatibilidade pessoal e estresse como causa da violência, uma pessoa afirmou que atualmente é muita ganancia, responsabilizou a mídia, o poder e

a estrutura familiar em primeiro lugar. A frustração de uma pessoa com a outra também apareceu como resposta, segundo o sujeito, a pessoa se sente frustrada e tenta descontar em outra. Em uma das entrevistas, foi respondido que as causas da violência podem ser o caráter das pessoas, pouco estudo, pouco nível sociocultural, falta de emprego, as crianças serem criadas em um ambiente de briga, de agressão, onde podem ver isso como algo normal, refletindo assim em sua vida posterior. Um sujeito relatou que acredita que vem de berço, que tem a ver com o meio onde a pessoa está inserida, a sociedade, a cultura e o estudo, uma soma de coisas. Por fim, ainda foi dito que a violência ocorre quando há um desequilíbrio momentâneo da pessoa, que perde o controle por um determinado motivo. Três pessoas responsabilizaram o uso de álcool e drogas. Ainda foi atribuído como causa falta de conhecimento e desenvolvimento, condição financeira, pessoas com problemas de depressão, má condição de vida, moradia, e falta de emprego.

Segundo Abramovay et al (2002), a situação de vulnerabilidade somada às condições socioeconômicas causa uma grande tensão entre os jovens que agrava diretamente os processos de integração social e pode vir a refletir no aumento da violência e da criminalidade. A violência está associada a pobreza em muitos casos, mas essa não é sua consequência direta, e sim a forma como as desigualdades sociais, a negação do direito ao acesso a bens e equipamentos de lazer, esporte e cultura operam em cada grupo social, desencadeando comportamentos violentos.

Para Arendt (1969/70), a violência é um artifício bastante tentador quando se enfrenta acontecimentos ou condições ultrajantes, por sua proximidade e rapidez.

Já na pesquisa do Senado Federal (2007), os entrevistados colocaram que as principais causas da violência são: impunidade (30%), tráfico e o consumo de drogas (26%), desemprego (16%), falta de ensino (14%) e a ausência do estado (8%).

Com relação aos tipos de violência mais frequentes, cinco pessoas responderam que violência verbal é muito comum, cinco falaram sobre a violência física, uma delas afirmou que ocorre principalmente violência contra a mulher, por ser mais fraca. Dois sujeitos disseram acreditar que violência psicológica ocorre com frequência, um comentou que naquela área é muito comum ofender, “falar que não vai conseguir outra pessoa”, que é a pessoa é feia, chamar os filhos de burros, gritar, ignorar e diminuir a mulher na frente dos outros. Apenas uma respondeu que violência sexual é frequente.

Já sobre quem são os agressores, duas pessoas responderam que pode ser qualquer indivíduo, um sujeito comentou que todo mundo alguma vez na vida já praticou algum tipo de violência, que então é toda sociedade. Uma pessoa falou que são drogados e brigas entre casais, três pessoas falaram sobre familiares, uma disse que ocorre principalmente entre filhos e pais idosos, outra que ocorre entre o marido, o filho, companheiro, genro, as mães com as filhas, e uma que os agressores são esposos, padrastos, mães, pais, irmãos, toda a família. Ainda foi respondido que geralmente os homens são agressores, que nas mulheres é mais comum violência verbal. Por fim, uma respondeu que depende de cada situação, e que geralmente o agressor é alguém que exerce algum tipo de superioridade hierárquica, que oprime de alguma forma, o chefe ou o marido, alguém que seja mais forte de alguma maneira.

Para Porto (2006), para definir algo ou alguém como violento é necessário compreender as relações entre objetividade e subjetividade da violência, uma das questões mais complicadas da definição da violência: não há uma definição em abstrato, que se “aplique” a qualquer sociedade.

Sobre quem são as vítimas, três pessoas afirmaram que todos são possíveis vítimas da violência, a mulher foi citada cinco vezes, uma comentou que as vítimas geralmente são as mulheres, principalmente quando não trabalham e não tem vida própria, pois dependem do salário do marido, por isso são omissas. Uma pessoa comentou que a maioria que sofre violência também pratica. Também foi falado sobre idosos por três pessoas, um sujeito afirmou que idosos são vítimas porque não estão mais trabalhando, estão em casa, muitas vezes doentes e não conseguem mais contribuir. As crianças foram citadas duas vezes, um colocou que geralmente a vítima é a pessoa mais indefesa, mais frágil, desde a criança, a mulher, o idoso e o animal. Ainda falou que a violência é algo oportunista, porque o agressor vai contra um ser que não pode se defender, uma pessoa ainda comentou que as vítimas são os mais vulneráveis.

Para Minayo e Souza (1998), toda violência social tem a ver com estruturas de dominação (de classes, grupos, indivíduos, etnias, faixas etárias, gênero, nações), e surge como significante de contradições entre os que querem manter privilégios e os que se rebelam contra a opressão. A desvalorização da vida e das normas convencionais, das instituições, dos valores morais e religiosos, o culto à

força e ao machismo, a busca do prazer e do consumismo estão hoje na base dos códigos paralelos das gangues e grupos que amedrontam as cidades.

Quanto à questão “Você já foi vítima de violência?”, sete pessoas colocaram que sim, algumas com certa dúvida. Uma pessoa afirmou que na área onde trabalha é vítima de preconceito racial, um sujeito colocou que as vezes verbalmente acaba sofrendo violência, mas apenas desse tipo. Uma trabalhadora disse que já foi vítima de violência física, outra que as vezes indiretamente, como violência psicológica, foi falado também por uma pessoa que já foi vítima várias vezes, que alguns podem não considerar, mas que para a pessoa é violência. E por último uma pessoa respondeu que foi vítima quando era criança, pelos colegas de escola. Apenas duas pessoas responderam que nunca foram vítimas de violência.

Já na pesquisa do Senado Federal (2007), 36% dos entrevistados relataram que já foram vítimas de violência, 64% responderam que não.

Também foi feita a pergunta “Já foi autor de violência? Entre os trabalhadores do ESF, apenas três pessoas colocaram que nunca foram autoras de violência, seis afirmaram que já foram autoras, uma respondeu que já praticou violência por motivo de uma traição, uma falou que pela maneira que criou o filho mais velho pode dizer que já foi autora de violência, outra comentou que às vezes fala coisas que na hora não pensa, e acaba agredindo as pessoas. Duas pessoas também relataram que muitas vezes podem ser autoras de violência sem a intenção, por palavras que acabam ofendendo outra pessoa.

Percebe-se que os moradores possuem dificuldade em assumir que já foram autores de violência, certamente, isso depende ainda do conceito que cada um tem. Muitas vezes, quando a pessoa respondeu que já foi autora de violência, acaba justificando o fato, comentando o acontecido ou afirmando que pode ter sido “sem intenção”.

Para Arendt (1960/70) a violência está sempre à procura de orientação e de justificativas pelo fim que busca, ela não é questionada quando o uso da violência é feito em legítima defesa, pois o perigo é não apenas nítido como também presente, e o fim que justifica os meios é imediato.

Na pesquisa de Porto (1999) sobre representações sociais de violência urbana, na questão "homem que é homem não leva desaforo para casa", encontramos os dados de 39,8% para os respondentes que admitiram necessidade de reagir a desaforos recebidos e 46,4% colocaram que apanhar e não reagir é

sinônimo de covardia, demonstrando que esse é o comportamento esperado do homem.

Com referência à pergunta “Você já presenciou alguma manifestação de violência?”, oito pessoas disseram já terem presenciado manifestação de violência, uma falou que já presenciou violência psicológica, outras duas falaram sobre violência de marido contra mulher, uma disse que já viu mulher sendo humilhada, marido chegar gritando, falando alto e gritando “essa aí não presta pra nada”, e a outra afirmou ter ido com a psicóloga em uma casa auxiliar uma mulher que estava sofrendo violência, e que o marido passou e ameaçou, fazendo-a desistir da denúncia. Uma também comentou que na sua vida em geral já presenciou várias vezes marido batendo em mulher, mulher batendo em criança, mulher gritando com criança, “praguejando” a criança, surrando. Um sujeito ainda falou sobre ter presenciado brigas, disse que é uma coisa bastante comum de ocorrer, brigas em festa, de vizinho ou de casal. Duas pessoas disseram que já presenciaram violência tanto física como verbal. Uma única pessoa afirmou não ter presenciado pelo fato de não sair muito, pois mora em outro país e está aqui a trabalho.

Nota-se que a equipe do ESF fala bastante sobre violência verbal e psicológica, possuem uma definição de violência ampla, podemos citar aqui Chauí (1999, p.3-5), que define violência como:

(...) 1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de alguém (é desnaturar); 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3) todo ato de transgressão contra o que alguém ou uma sociedade define como justo e como direito. Conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e o terror (...).

No que diz respeito a pergunta “Qual a sua reação perante uma prática de violência?”, tiveram respostas distintas. Uma pessoa respondeu que depende da situação, que tenta interromper alguns e outros não, outra falou que geralmente fica neutra pois precisa continuar visitando a família, que já conversou com mulheres, que normalmente é mais fácil. Um sujeito falou que tenta intervir se conhecer as partes, uma ainda falou que primeiramente fica chocada e revoltada, e que aprendeu que denunciar sozinha não adianta se a parte agredida não vai levar adiante. Também foi dito que a intenção do ser humano deveria ser ajudar, impedir isso, que o correto é tentar dissipar aquela violência, falar. Uma pessoa respondeu que se

sente impotente, porque intervir dentro da comunidade é complicado pelo fato de que podem se revoltar contra, ou em outra situação tenta acionar o conselho, outra resposta foi que se for uma pessoa intimamente ligada, geralmente tenta defender essa pessoa, mas se for uma pessoa estranha se retrai, e mesmo achando errado não se compromete. Por fim, uma pessoa ainda falou que se possível ajuda, tenta amenizar e tentar indagar o porquê da violência, e outra disse que quando aconteceu em uma situação ligou para a brigada militar, mas em outra situação que não conhecia a família não interviu.

Nota-se que há grande dificuldade em intervir quando é um caso que envolve família, pois as pessoas ainda tem a ideia de que não devem se meter, como na famosa frase “em briga de marido e mulher, não se mete a colher”.

Sobre “O que você pensa que deve ser feito a respeito?” Uma pessoa respondeu que as pessoas teriam que ocupar mais seu tempo, como com cursos e lazer, uma falou que deve ser feito um trabalho com famílias e com as crianças na escola, mas que já tentaram fazer trabalhos com as mulheres sobre violência, e que elas não vieram, talvez por estarem habituadas e terem medo de se expor. Um sujeito falou que falar sobre isso é complicado porque é como uma ferida, e que deve ser tratado com muita cautela, outro colocou que tem fazer conscientização da vítima, trabalho direto, sem ser muito invasivo, sendo mais sutil para pessoa não se retrair, e falou que sempre se é feito esses programas com base na violência contra a mulher, mas ninguém fala com os homens, que deveria ser trabalhado com o agressor. Também foi falado sobre fazer atividades de orientação e trabalhar tanto com o agressor como a vítima, que é um processo. Uma pessoa respondeu que tem que se trabalhar nas escolas, desde pequeno para que eles tenham outra visão, foi falado novamente sobre um programa de prevenção à violência e que não deu certo, pois depredaram tudo. Um indivíduo respondeu que acha que tem que tentar evitar e caso não seja possível tentar defender a pessoa que está sofrendo, que quando uma pessoa estiver sendo agredida tem que se meter, seja quem for. Outra pessoa colocou que o estudo é a base de tudo, tirar as pessoas da rua, colocar em uma escola integral para que eles não ficassem na rua aprendendo coisas erradas. Por fim, uma pessoa respondeu que no caso de criança deveria ser levado ao conselho tutelar e ser falado com a mãe da criança, também a lei deveria punir esses agressores, não apenas pagar serviço comunitário, e falou que fazer denuncia, na condição de agentes de saúde, é complicado porque a pessoa fica marcada.

De acordo com Abramovay et al (2002), associando vulnerabilidade com desigualdade social e a segregação juvenil, pode-se compreender parte da relação entre juventude e violência. Essa relação pode ser compreendida como o produto de dinâmicas sociais, marcadas por oportunidades desiguais, segregações, uma difícil colocação na educação e no mercado de trabalho, falta de oportunidades de lazer, formação ética e cultural em valores de solidariedade e de cultura de paz e de distanciamento dos modelos que vinculam esforços a êxitos.

Ainda para o mesmo autor, para uma sociedade pacífica, não deveriam existir os guetos e os apartheid sociais, todos poderiam se sentir parte de uma cultura comum, partilhando normas e valores, onde as diferenças não fossem pautadas em desigualdades sociais.

Também foi questionado “Como você vê sua comunidade, seu bairro?” três pessoas disseram que o bairro tem pouca violência e é tranquilo, uma falou que não é tanto mas o que se vê é briga de casal, que é pouco violento porque tem mais idosos, e ainda tem o CRAS que ajuda. Também foi dito que o bairro é tranquilo porque as famílias são de maioria bem estruturadas, tem bastante gente de baixa renda, mas não tem grande pobreza. Uma relatou que atualmente não tem mais tanta violência, que é uma população mais tranquila e não tem tanta marginalidade e drogadição. Duas pessoas afirmaram ter bastante violência na comunidade, tanto física quanto verbal. Um sujeito comentou que as pessoas são pobres não apenas financeiramente, mas pobre de educação, são poucas evoluídas e não tentam melhorar, em alguns lugares as pessoas querem tudo na mão, sendo bem difícil trabalhar com a população.

Pode-se observar que existe a ideia de que nas zonas mais pobres realmente ocorre mais violência, algumas teorias citadas por Minayo e Souza (1998), compreendem os processos e as condutas violentas como estratégias de sobrevivência das pessoas que são vítimas das contradições chocantes do capitalismo no país. A desigualdade social, as poucas oportunidades de emprego, de ascensão social e remuneração condignas levariam os pobres a se rebelar e a tentar recuperar o excedente de que foram privados.

Com relação à pergunta “Você acredita que no seu bairro ocorre mais violência que em outros? Por que?” Oito pessoas afirmaram acreditar que no bairro não ocorre mais violência do que nos outros, uma falou que não percebe a violência, outra relatou que não há muitas famílias carentes e são poucas pessoas jovens,

mais idosos ou famílias pequenas, outra falou que o bairro tem problemas mas que todos tem. Um sujeito disse que acredita que os bairros ficam taxados como violentos, e que violência ocorre até no centro da cidade, outra ainda comentou que a área é de risco então tem um índice um pouco maior de violência do que alguns lugares, mas também é menor do que em outros, disse acreditar que isso acontece porque tem pessoas de baixa renda, e que 95% recebem bolsa família e ficam só em casa, não se ocupando com o dia a dia, tendo mais tempo para gerar brigas. Apenas uma pessoa da equipe respondeu que acredita que no bairro a violência é considerada normal, pois as pessoas “levam no tanto faz”.

Podemos compreender o quanto pensar as representações sociais de violência é de suma importância para entender o modo como ela funciona, segundo Porto (2006), pensada de um ponto de vista subjetivo, seria necessário considerar o que diferentes indivíduos e sociedades tem como representação de violência. Representação que poderia inclusive interferir na própria realidade da violência, reforçando a importância de uma estratégia de análise onde se questione sobre as relações objetividade/subjetividade enquanto elementos que participam do conceito da violência e interferem nas práticas e nas representações que diferentes grupos elaboram de tais práticas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante o período de agosto a dezembro de 2015 foi executado o PTB “A compreensão de violência dos trabalhadores de saúde no bairro Sepé”, consistindo na aplicação de uma entrevista semiestruturada, que foi respondida por 09 sujeitos, sendo estes trabalhadores da equipe do ESF do bairro. Com a apuração desses dados, foi possível verificar que grande parte afirmou que o bairro é tranquilo por ter em sua maioria pessoas idosas, porém, foram citados casos de brigas familiares, como entre pais e filhos e casais, onde preferem não intervirem por medo de se indispor com as famílias e ficarem “taxados”.

Notou-se que a equipe do ESF, de maneira geral, possui um conceito abrangente de violência, os trabalhadores do ESF afirmaram que foram tanto vítimas quanto autores de práticas violentas. Em contraponto, com relação às estratégias de enfrentamento, os trabalhadores do ESF demonstraram resistência em fazer

denuncia pelo fato de estarem ligados diretamente aos problemas da comunidade, fazendo com que sintam receio de se envolverem e posteriormente encontrarem dificuldades no seu trabalho. Quanto a imagem do bairro, a equipe do ESF percebe a comunidade como tranquila, com problemas não maiores do que em outros bairros.

É necessário pensar os resultados, levando em conta que muitas pessoas possuem dificuldades em falar sobre essa temática, e ainda que alguns indivíduos podem responder o que pensam que é correto afirmar, e não o que realmente acreditam, portanto, os dados não podem ser pensados de maneira simples, as representações sociais devem ser interpretadas. Acredita-se que com os dados desta pesquisa pode-se ter uma ideia sobre as representações sociais que a equipe do ESF possui sobre o fenômeno da violência, espera-se que através deles possam surgir discussões que venham aprofundar o conhecimento nessa temática.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. et al. **Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: Desafios para Políticas Públicas**. UNESCO, 2002.

ARENDRT, H. **Da violência**. Disponível em: <http://pavio.net/download/textos/ARENDRT,%20Hannah.%20Da%20Viol%C3%Aancia.pdf>. Acesso em: 14 jan 2015. 1969/1970.

CHAUI, M. Uma ideologia perversa: explicações para a violência impedem que a violência real se torne compreensível. **Caderno Mais**, p. 3-5. In: Folha de S. Paulo, 14 de março de 1999.

MINAYO, M. C. S. A Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 10 (supplement 1): 07-18, 1994.

MINAYO, M. C. S. **Violência e Saúde**. Ed. Fiocruz. 2006.

MINAYO, M. C. de S. e SOUZA, E. R. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. **História, Ciências, Saúde— Manguinhos**, IV(3): 513-531, nov. 1997-fev. 1998.

PORTO, M. S. G. Crenças, valores e representações sociais da violência. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 8, nº 16, p. 250-273, 2006.

PORTO, M. S. G. A violência urbana e suas representações sociais: O caso do distrito federal. A violência disseminada. **São Paulo em perspectiva**. Vol.13 no.4 São Paulo oct/dec. 1999.

SENADO FEDERAL, SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, SECRETARIA DE PESQUISA E OPINIÃO PÚBLICA. Pesquisa de opinião pública nacional. Violência no Brasil. **Data Senado**. 2007. Disponível em: [http://www.senado.gov.br/senado/datasenado/pdf/datasenado/DataSenado-Pesquisa-Violencia\\_no\\_Brasil-relat%C3%B3rio\\_completo.pdf](http://www.senado.gov.br/senado/datasenado/pdf/datasenado/DataSenado-Pesquisa-Violencia_no_Brasil-relat%C3%B3rio_completo.pdf). Acesso em: 19 jan 2015.